

ANÁLISE DO DISCURSO HOMOSSEXUAL DO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA (1978-1981): ENTRE A INTENCIONALIDADE E O LEITOR

Ronielyssom Cezar Souza Pereira, (G), (UNIPAR), ronielyssom@gmail.com

Kelly Malu Silva Seibert, (G), (UNIPAR), kellyseibert@gmail.com

Fausto Alencar Irschlinger, (OR), (UNIPAR), fausto@unipar.br

RESUMO: O presente artigo apresenta uma pesquisa parcial acerca da homossexualidade masculina na imprensa alternativa nos anos de 1978 a 1981 enquanto manifestação dos homossexuais nas capitais brasileiras como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. O jornal *Lampião da Esquina* teve um total de trinta e oito edições, sendo que as cinco primeiras edições foram tomadas como fontes passíveis de análises, para as quais se buscou convergir diferentes perspectivas teóricas de cunho historiográfico, filosófico e filológico, objetivando esmiuçar a prática discursiva que estigmatizava e mistificava os homossexuais. É preciso desconstruir o estereótipo homossexual utilizando um prisma que permita a dispersão do discurso trazendo à tona a contribuição de teóricos como Michel Foucault e Roger Chartier, empreendendo a compreensão sobre o *status* que o homossexual ocupa em dado período relacionando às relações de poder, aqui interpretadas sob um viés em que emergem características históricas, sociais, sexuais e culturais.

PALAVRAS-CHAVE: *Homossexualidade. Análise do discurso, Lampião da Esquina.*

INTRODUÇÃO

Por demais se tem surgido nos últimos tempos, uma infinidade de estudos e produções científicas, sejam acadêmicos ou científicos, ao redor da sexualidade homossexual nas mais variadas áreas do saber indo desde a gênese histórica até às manifestações sociais atuais. Esse movimento de produção de práticas e saberes parece demonstrar a reivindicação, por parte dos homossexuais, de um *status* institucional equivalente ao da heterossexualidade, visto que nesse trajeto não são raras as vezes em que ocorrem diálogos entre diferentes ciências sociais, cuja finalidade se revela por legitimar o argumento proposto ou, tão somente, alicerçar ideias embasados em cânones da literatura específica referentes à temática homossexual.

Presume-se que o tema em questão, a homossexualidade, encontre-se extensivamente salientado por conta da disseminação observada nas últimas décadas. Contudo, este assunto não está cristalizado e não é imutável que, por conseguinte demonstra uma imagem estagnada e imóvel mesmo que o período analisado seja um recorte temporal de curta duração, como é a intenção deste estudo de caso que aborda o período entre os anos de 1978 e 1981. Os estudos acerca da homossexualidade, aqui direcionado ao discurso homossexual, tornam-se importante por reverberar na sociedade uma prática que visa combater o preconceito, procurando encontrar aquilo que segundo Foucault (1999) é

conhecido como: procedimentos de exclusão, procedimentos de controle e procedimentos de distribuição do discurso no jornal Lampião da Esquina.

O que se propõe a partir das fontes empreendidas é analisar o discurso do jornal Lampião da Esquina considerando as implicações linguísticas presentes no pensamento dos organizadores, dentre os quais se destacam João Silvério Trevisan, Aguinaldo Silva e Darcy Penteadó. Portanto faz-se necessário problematizar o estereótipo ao qual o sujeito homossexual estava condicionado durante o referido período para compreender a abordagem sobre a (homo)sexualidade cuja proposição adquire um *status* ao nível de instituição social dicotômica e que é seio de divergências respaldadas nos binômios *homo* e *hétero*.

O CONTEXTO HISTÓRICO E A HISTÓRIA DO JORNAL

Durante o processo de redemocratização do Brasil, iniciado a partir do governo de Geisel com uma abertura “lenta e gradual” o contato entre o governo e os movimentos sociais proporcionou maior visibilidade. Em certa medida, buscou-se atender as demandas dos movimentos sociais, visto que a eleição de governantes atentos às questões civis auxiliou a participação das minorias sociais nos espaços políticos.

Essa abertura proporcionada pelo governo em fins da ditadura, permitiu que movimentos sociais se organizassem buscando reivindicar seus direitos enquanto cidadãos. Esses grupos se organizavam coletivamente, e independentemente de seus objetivos se identificavam por possuírem interesses comuns. Inicialmente eram poucos integrantes nesses movimentos, porém promoveram a revalorização de práticas sociais do cotidiano popular, através de manifestações que nem sempre foram pacíficas.

No caso dos homossexuais grande parte das pesquisas sobre a movimentação desta categoria social começam no início da década de 1970, o que coincide com um contexto político e social equivalente a redemocratização do Brasil impulsiona os movimentos sociais com caracteres transformador e emancipatório a tomarem lugar de destaque na sociedade.

Em Maio de 1978 chega às bancas da capitais brasileiras um jornal que seria considerado a premissa do Movimento de Liberação Homossexual no Brasil. A receptividade do jornal Lampião da Esquina em sua edição número 01 (um) foi enorme, tendo visto que o lançamento desta imprensa foi no mês de Abril de 1978 com a edição número 00 (zero) cuja tiragem inicial do jornal foi de cinco mil exemplares, espalhado de norte a sul nas grandes capitais brasileiras para a divulgação do jornal no país.

Seria um grande erro afirmar que Lampião da Esquina foi a primeira imprensa alternativa a voltar-se para os homossexuais e as minorias, haja visto que na década anterior já haviam projetos na “imprensa nanica” com a mesma finalidade. Mas a singularidade aplicada a este veículo informativo foi a formação de sua equipe editorial que era composta *a priori* exclusivamente de jornalistas homossexuais e do sexo masculino conhecidos e respeitados intelectualmente pois de acordo com o que Trevisan afirma as “mulheres (artistas e jornalistas) contatadas, no período, negaram-se terminantemente a colocar seus nomes no jornal. Daí porque a equipe era toda constituída de homens.” (TREVISAN, 2007, p. 342). A proposta de Lampião da Esquina era dar voz às minorias sociais interditas ou não, dentro e fora do cenário brasileiro para demonstrar que a homossexualidade ultrapassa o estereótipo até então disseminado na sociedade e destruir a imagem-padrão que se fazia do homossexual.

De acordo com João Silvério Trevisan (2007) o contexto, social e político, em que emergia Lampião da Esquina influenciou para que surgisse um grupo de militância política de esquerda, o grupo Somos, que reivindicava discutir sobre a situação dos homossexuais não apenas enquanto minoria social dentro da esquerda, mas como cidadãos que visavam uma realocação social primando pelo reconhecimento de tal categoria, sem mencionar o ponto principal que era contestar a violência contra homossexuais.

PRELIMINARES DISCURSIVAS EM LAMPIÃO DA ESQUINA

Compondo um quadro geral alicerçado nas cinco primeiras edições do jornal Lampião da Esquina, que também é explicitado na obra *Devassos no Paraíso* de João Silvério Trevisan, observa-se a síntese do primeiro degrau que servirá para fio condutor desta pesquisa; visto uma vez mais, que a proposta é um confronto de diferentes perspectivas sobre o discurso presente no referido jornal. Portanto, faz-se necessário o conhecimento da gênese do jornal e o resultado de suas primeiras edições, ainda que seja uma movimentação dentro do próprio núcleo do jornal em prol de um posicionamento político mais prático. Contudo, não é sobre a representação política que versa esta pesquisa, embora a política seja uma das temáticas que tangenciam a homossexualidade, mas a abordagem da homossexualidade enquanto instituição social de viés histórico. Concomitantemente à análise das fontes há uma simbiose teórica entre a historicidade da homossexualidade, a discursividade do jornal Lampião da Esquina sobre a sexualidade homoafetiva com confluência de perspectivas epistemológicas diferentes.

Como foi dito anteriormente, a proposta do jornal Lampião da Esquina era dar voz aos homossexuais. Logo é delineando o termo homossexualidade que se compreende a intenção com que o

jornal se referia aos homossexuais, pois os organizadores diferenciam o termo utilizado-o ao longo das reportagens de suas edições. Tal ideia evidencia a assimilação do discurso científico, por parte dos organizadores, para imprimir no leitor uma compreensão predeterminada do sujeito homossexual apresentado, sem esquecer que este leitor é concebido como um indivíduo homossexual que está aberto para uma profunda compreensão a respeito de si mesmo.

Trevisan (2007) aponta rapidamente a compreensão da prática sexual entre pessoas do mesmo sexo que no século XIX converge ao termo homossexualismo. Este termo denota um significado direcionado à prática sexual, resultado de um discurso científico que atrelou o termo a um significado que cria uma imagem do homossexual enquanto portador de uma patologia, sendo esta a mentalidade a que está atrelado o termo homossexualismo, criando um estereótipo pejorativo a respeito do indivíduo.

Segundo o teórico francês Michel Foucault (1999), a homossexualidade já era citada sobre a nomenclatura de pederastia, ainda na Grécia antiga, a grosso modo, explicando um sistema de relações entre um homem mais velho que terminou a sua formação e um jovem rapaz que ainda não atingiu seu *status* definitivo, cuja finalidade não era de caráter exclusivamente sexual mas também educativo, evidenciando que "era uma prática culturalmente valorizada por uma literatura que a cantava, e por uma reflexão que fundamentava sua excelência" (FOUCAULT, 1999, p. 170). Por conta disso e conforme evoluíram os estudos científicos e sociais passou-se a utilizar a partir da década de 1970 o termo homossexualidade para se referir a este assunto, não mais se reportando a ele como patologia, mas como referência a uma instância de categoria social.

Já no uso dos termos homossexualidade e homossexualismo, respectivamente, no editorial da edição número 03 de Lampião da Esquina, observa-se que apesar da aparente semelhança a colocação dos termos propõe uma posição de militância para o leitor.

Aprofundando um pouco as colocações iniciais: categorias sexuais são específicas e essa especificidade deve ser concretamente analisada por todos os interessados em seu esclarecimento. O que não implica em perder de vista não só as conexões destas várias categorias entre si, uma vez que muitos de seus problemas são relacionados, nem as que existem com outras categorias sociais. Nesse sentido é que a questão da homossexualidade, que começa a definir-se claramente, tem importância para iluminar a problemática mais geral da sexualidade humana. Neste terreno, tentados a dividir o mundo em masculino e feminino, podemos ser levados a acreditar que o inimigo principal da mulher e do homem - e vice-versa - e que ela é o único ser aprisionado neste mundo: libertando-se ela de sua gaiola-ilha, a gaiola sem medida que faz divisa com a sua, como diz João Cabral, também desaparecia como num passe de mágica. Para não falar de outros problemas - ao definir o específico, enfrentamos o risco de criar novas divisões, novas separações favorecendo uma atomização que dificultaria qualquer frente de luta comum. Levantar a questão do homossexualismo - masculino ou feminino - implica assim em questionar essa visão polarizada, tradicional. (SILVA, 1978 p. 2).

Em sua obra *História da Sexualidade: a vontade de saber*, Foucault afirma que a partir do século XVIII "houve uma fermentação discursiva sobre a sexualidade, com uma proliferação de discursos sobre o sexo, tendo como função tanto verificar como conhecer as formas e os objetos de atividade e desejo sexual" (FOUCAULT, 1999, p. 26). Tal fala evidencia que no referido período o discurso sobre o sexo foi estimulado em diversas instituições sociais como por exemplo família e igreja, para que houvesse um controle dos mecanismos inerentes a esse discurso. Logo se compreende que a homossexualidade, atrelada a essa situação, assume um *status* restrito caracterizado pela interdição desse discurso, o qual demonstra uma situação que parte das instituições com a finalidade de agregar domínio e poder.

Transpondo para as fontes abordadas, acredita-se que o discurso homossexual proliferou-se exacerbadamente, toda via esta fala não é tal qual se apresenta, pois há indícios de rupturas que perpassam o jornal, demonstrando que as instituições que outrora estimulavam o discurso sobre sexualidade ainda permanecem a exercer forte influência sobre a homossexualidade. Mas agora já há uma diferenciação na postura frente à homossexualidade, pois se observa uma contraposição frente à instituição heteronormativa, claramente perceptível através dos artigos do jornal, onde há uma discursividade estruturada no conceito que Foucault propõe sobre dispositivo, visto pois que compreende-se este termo como:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode manter entre esses elementos. (FOUCAULT, 1985, p. 70)

Esta compreensão sobre dispositivo possibilita empreender que na ótica dos organizadores do jornal *Lampião da Esquina* a heteronormatividade é entendida enquanto fruto da prática de um conjunto de ações, por meio das quais a sociedade instituiu o sexo biológico como produto da ação humana caracterizando-o segundo especificidades próprias. Nesse viés o discurso dos organizadores parece erigir uma posição quando fala sobre sexualidade, sobrepondo a homossexualidade à heterossexualidade, transparecendo certa intenção na prática discursiva. Toma-se, portanto a prática discursiva dentro de um contexto, onde subsiste um complexo jogo de relações de poder a que o discurso está submetido revelando, por trás das enunciações, que *a priori* caracterizam uma militância em prol dos direitos dos homossexuais, uma instabilidade quanto ao próprio objeto do discurso que centra-se na defesa da categoria dos homossexuais que parece direcionar-se para uma determinada parte dessa minoria.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. [...] o discurso não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é objeto do desejo; e visto que [...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 1971, p. 10)

Segundo este pensamento a articulação do discurso em defesa da homossexualidade dentro do jornal *Lampião da Esquina* parece estar submetido a um conjunto de poderes invisíveis, evidenciando-se como um elemento contraditório. Espera-se que ele esteja direcionado a toda a categoria dos homossexuais, mas pelo menos em suas primeiras edições transmite um direcionamento voltado para uma categoria erudita, uma classe de leitores que já possuem uma formação acima da média da massa populacional. Esse argumento entra em contradição ao objetivo proposto pelo jornal, tanto que os próprios leitores cobram o (re) posicionamento dos organizadores como é possível ver através do questionamento levantado pelo leitor Gide Guimarães na seção *Cartas na Mesa* da edição número 04 do jornal *Lampião da Esquina*:

Acho também que o Conselho Editorial precisa discutir suas posições dentro do jornal, para os leitores (não simplesmente através de seus artigos, mas de uma mesa redonda, sei lá) E isto é a maior importância. É preciso também criar cismas, acabar com a manutenção do *status quo* de bicha assumida e erudita que não precisa de ninguém nas suas investidas intelectuais, como se lhe fossem tomar o caso. Não deixa de ser! (Taí uma das maneiras do exercício do poder). Não esqueçam que o *LAMPIÃO* também é nosso, que não entramos com o capital para sua implantação, mas que o mantemos vivo de uma maneira ou de outra. (GUIMARÃES, 1978, p. 17).

Sendo o comentário um procedimento de controle e delimitação que é interno ao discurso e que a função é a de trazer o que estava articulado silenciosamente no primeiro texto de acordo com Foucault (1999); compreende-se desta maneira que outros comentários semelhantes ao de Gide Guimarães não raras vezes apareciam na comunicação dos leitores para com o jornal, e embora demonstrassem um descontentamento por parte dos leitores revela a seriedade do jornal em atingir a proposta inicial, demonstrando que a seção *Cartas na Mesa* passa a nivelar o posicionamento positivo ou negativo dos leitores referente aos artigos publicados no jornal.

É preciso fazer uma ressalva de que a princípio as idéias veiculadas no jornal estariam ao alcance de grande parcela do público homossexual que era o alvo de *Lampião da Esquina*, mas segundo uma análise menos imediatista constata-se que devido ao custo nem todos podiam adquirir o jornal mensalmente, pois o público que o jornal abrangia era variável quanto à classe social. E justamente nesse ponto converge um questionamento sobre os leitores que se manifestavam através da

seção Cartas na Mesa, estes, em sua maioria apresentavam uma linguagem menos grosseira e com um posicionamento ideológico bem articulado, demonstrando que não era qualquer um que consumia o jornal, mas um sujeito mais erudito, tornando-se rotineira a manifestação de um público com formação intelectual mais elevada dentro da referida minoria social.

Delimitando duas comunidades distintas de leitores, e considerando a afirmação de Chartier de que “há, contrastes, igualmente, entre as normas e as convenções de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, os usos legítimos do livro, as maneiras de ler, os instrumentos e procedimentos da interpretação” (CHARTIER, 1998, p. 16) evidencia-se uma apropriação social dos discursos que de acordo com Foucault “garantem a distribuição dos sujeitos que falam nos diferentes tipos de discurso e a apropriação dos discursos por certas categorias de sujeitos”(FOUCAULT, 1999, p. 44). Através dessas contribuições teóricas percebe-se que a distinção percebida nas classes de leitores do jornal *Lampião da Esquina* encontra-se nos extremos dicotômicos que concorrem para maior e menor grau de saber expresso pela formação intelectual. Este é o desnivelamento que transparece no jornal.

É preciso salientar que a linguagem presente na referida imprensa alternativa, embora partisse de indivíduos com sólida formação intelectual e que possuíam notoriedade na área em que trabalhavam, não se constituía enquanto um sistema simbólico de difícil assimilação pelos leitores em geral. Muito pelo contrário, pois os próprios membros do conselho editorial, como Aguinaldo Silva e Darcy Penteadó optavam por imprimir no jornal uma linguagem coloquial e acessível, se utilizando de palavreados que não eram comuns na imprensa brasileira como “bicha”, “viado”, “sapatão” para expor as relações que se articulavam ao redor do estereótipo do homossexual brasileiro. Tal fato demonstra a preocupação dos organizadores em expor os dramas dos homossexuais utilizando-se de termos do próprio cotidiano.

Forma-se então um quadro em que essa apropriação do discurso do jornal *Lampião da Esquina* por indivíduos mais eruditos, em parte devida ao nível de conhecimento sobre o meio cultural, não pertencia exclusivamente a um grupo fechado de leitores, porém não imprimia o mesmo questionamento sociocultural ou político em sujeitos menos letrados, pertencentes à massa da minoria social. Uma categoria de leitores que restringia a intencionalidade de suas leituras para artigos que portavam referência de literatura, cinema e tendências homoeróticas, de modo que a militância em primeiro plano fosse deixada para segundo lugar.

Através desta configuração se insere a homossexualidade, a partir da idéia apresentada inicialmente, que serve de base para observar a construção do estereótipo do leitor homoerótico, lembrando que homossexualidade aqui não é entendida como personificação da identidade de um

sujeito. É antes de tudo compreendida como prática discursiva passível de transformação enquanto fenômeno social, que auxilia na compreensão da categoria homossexual enquanto um elemento, dotado de ideologia eminentemente, que é presente na história da humanidade sendo preciso considerar que o padrão que os homossexuais, bissexuais ou heterossexuais, isto é, a sociedade como um todo, fazem de si, “não é em função de sua condição verdadeira, mas da imagem que constroem e que nunca fornece o reflexo fiel, que os homens pautam a sua conduta” (DUBY, 1979, p. 131).

Logo se observa que o estereótipo presente nas edições de *Lampião da Esquina* não se constitui enquanto um indivíduo imutável, mas em transformação, e que prima apresentar uma imagem que nem sempre se caracteriza de acordo com o contexto articulado. Nesse sentido, no discurso homoerótico da referida imprensa alternativa a mudança da imagem do *homo sexualis* (homem sexual), subentendido aqui como aquele (a) que mantém relações sexuais com alguém do mesmo sexo, *a priori* é referido pela sociedade pelo termo pejorativo de “bicha” quando se aplica aos homens e “sapatão” para denominar as mulheres, vão sendo substituídos pela utilização dos termos “gay” e lésbica os quais se esvaziam do significante pejorativo para adquirir um *status* de militância no movimento homossexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As articulações presentes na proposta discursiva do jornal *Lampião da Esquina* buscam desmistificar os estereótipos acerca da imagem do homossexual, diferenciando termos e conceitos utilizados para tratar assuntos que variam desde o estereótipo do homossexual enquanto patologia até o incentivo da militância, buscando estimular o leitor a identificar e questionar esses conceitos construindo um posicionamento através da leitura do jornal.

Embora sem intenção, o jornal acabou por direcionar seus escritos a uma classe mais erudita, porém a seriedade com que o jornal tratava tanto as críticas positivas quanto as negativas lhe atribuía ainda mais legitimidade em trabalhar as questões homoafetivas junto a sociedade. Contudo esse direcionamento erudito, demonstra uma ambiguidade no discurso, que permitiu desviar o foco de militância sociopolítica para discussões pautadas nas questões do homoerotismo, visto que nessa intencionalidade dos organizadores convergem dois pontos distintos: leitores com posicionamento ativo, que está além das informações divulgadas pelo jornal, e outra classe de leitores que estariam aquém da importância das informações veiculadas.

Ainda que o público que possuía acesso à imprensa alternativa fosse limitado, devido ao custo do jornal, não podemos desconsiderar a importância das abordagens desse tipo de mídia que se propunham articular a realidade do homossexual brasileiro. Nesse sentido a movimentação social que

o jornal *Lampião da Esquina* reverberou entre a categoria homossexual do período esteve além das análises realizadas, revelando um complexo jogo de relações dentro da referida categoria seja em âmbito político, social ou comportamental tido enquanto premissa do movimento de liberação homossexual no Brasil.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Trad. Mary Del Priore. 2.ed. Brasília: UNB, 1998.

DUBY, Georges. História social e ideologias das sociedades. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., p. 130-145, 1979.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade do saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

GUIMARÃES, Gide. **Qual é a tua, oh Lampião?** *Lampião da esquina*, Rio de Janeiro, p 7, 17/08/1978.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SILVA, Aguinaldo. **Nossas gaiolas comuns**. *Lampião da esquina*, Rio de Janeiro, p. 2, 25/05/1978.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.